

As  
influências  
de  
O Uruguay  
de  
Basílio da  
Gama  
na poesia  
indianista de  
Machado  
de Assis

EDUARDO DE ALMEIDA NAVARRO

**EDUARDO DE ALMEIDA NAVARRO** é professor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH-USP e autor de, entre outros, *Método Moderno de Tupi Antigo* (Vozes) e *Dramaturgos Brasileiros: Anchieta* (Martins Fontes).

## INTRODUÇÃO

**E**m 1875, aos 36 anos de idade, Machado de Assis publicou a obra *Americanas*, representante da produção poética dos primeiros anos de sua manifestação literária, justamente de sua fase romântica.

Machado de Assis despontou nas letras nacionais já pelos últimos tempos do romantismo. Tributário de sua época e de seu momento histórico, ele já estava emancipado das influências árcades que afetaram os românticos das primeiras gerações, notadamente no plano formal. Mas uma influência palpável nesses poemas que representam o que de melhor produziu seu estro de poeta romântico foi a do árcade Basílio da Gama.

Certamente o vate mineiro foi um dos grandes precursores da emancipação poética do Brasil. Ele fundou o indianismo na literatura brasileira. Pela primeira vez o índio aparece como tema literário no Brasil. Machado de Assis reconheceu, como ninguém, essa importância de sua obra, leitura de seus verdes anos. Nunca escondeu sua admiração por Basílio da Gama. Em seu poema intitulado “Lindoya”, apresenta a personagem de *O Urugay* a recepcionar na Eternidade todas as outras personagens femininas dos grandes poemas indianistas brasileiros, como Iracema e Moema, por exemplo, como que a mostrar a processão do indianismo romântico da obra do árcade mineiro:

“Vem, vem das águas, mísera Moema,  
Senta-te aqui. As vozes lastimosas  
Troca pelas cantigas deleitosas,  
Ao pé da doce e pálida Coema.

Vós, sombras de Iguassu e de Iracema,  
Trazei nas mãos, trazei no colo as rosas  
Que amor desabrochou e fez viçosas  
Nas laudas de um poema e outro poema.

Chegai, folgai, cantai. É esta, é esta  
De Lindoya, que a voz suave e forte  
Do vale celebrou, a alegre festa.

Além do amável, gracioso porte,  
Vede o mimo, a ternura que lhe resta,  
Tanto inda é bela no seu rosto a morte!”  
(Assis, 1977, p. 465).

Lindoya é quem recebe todos os grandes personagens do indianismo romântico numa festa que celebra a inspiração dos poetas e as rosas desabrochadas pelo amor “nas laudas de um poema e outro poema”. Tal festa lembra as da Antiguidade pagã, celebrando a altivez terna, mimosa e amável daquela que tinha no rosto uma morte bela, que fora apanágio dos heróis clássicos.

A despeito da forte inspiração parnasiana desses versos, já distanciados estilisticamente de Basílio da Gama, importa dizer que constituiu a profissão machadiana da fé por ele depositada na preeminência do poeta mineiro na incorporação do índio americano como tema literário.

O próprio Machado de Assis fala-nos mais de suas idéias acerca do indianismo:

“Algum tempo, foi opinião que a poesia brasileira devia estar toda, ou quase toda, no elemento indígena. Veio a reação, e adversários não menos competentes que sinceros absolutamente o excluíram do programa de literatura nacional. São opiniões extremas que, pelo menos, me parecem discutíveis. [...] Direi somente que, em meu entender, tudo pertence à invenção poética, uma vez que traga os caracteres do belo e possa satisfazer as condições da arte. Ora, a índole dos costumes dos nossos aborígenes está muita vez neste caso; não é preciso mais

para que o poeta lhes dê a vida da inspiração. A generosidade, a constância, o valor, a piedade, hão de ser sempre elementos da arte, ou brilhem nas margens do Scamandro ou nas do Tocantins. O exterior muda – o capacete de Ajax é mais clássico e polido que o canitar de Itajuba; a sandália de Calipso é um primor de arte que não achamos na planta nua de Lindoya. Esta é, porém, a parte inferior da poesia, a parte acessória. O essencial é a alma do homem” (Assis, apud Veríssimo, 1903, pp. 423-4).

Ao publicar *Americanas*, em 1875, já passara o momento de fulgor do indianismo romântico. A temática do índio já desaparecia da obra dos poetas. Pouco mais tarde, em 1879, Machado de Assis reconheceria que o romantismo estava morto. Mas o indianismo foi, segundo ele, a grande contribuição dada pelo Brasil à literatura ocidental.

É certo que *Americanas* não foi o *opus magnum* de Machado de Assis. Não poderia, por si só, guindar o poeta à glória, mas seu valor literário é inegável. Foi, certamente, a magnitude atingida por ele nos seus romances de maturidade, obras que estão entre as maiores já produzidas em língua portuguesa, que ofuscou sua obra poética, a qual certamente não foi despicienda. Machado de Assis foi também um grande poeta, que escreveu poesia até a morte. Mas, segundo Bandeira (1939, p. 40), “é um perigo para o poeta assinalar-se fortemente nos domínios da prosa”, forma eufêmica de dizer que Machado de Assis não foi como poeta o que foi como romancista.

Em *Americanas*, Machado de Assis revela-se um romântico pelos temas, pelo tom e pelas fórmulas. Os tempos, contudo, já eram outros e ele já se emancipara, sob a sugestão de José de Alencar e Gonçalves Dias, dos poetas do período colonial brasileiro. Somente Basílio da Gama é que exerceria uma poderosa influência sobre sua obra.

Com efeito, foi com Basílio da Gama que Machado de Assis aprendeu o uso dos versos brancos, que tanto prezou e utilizou com maestria, sem negarmos, contudo,

a influência que Garrett exerceria nesse particular.

Segundo Matos (1939, pp. 338-9),

“[...]o indianismo foi uma face do espírito nativista, quando já podia revestir expressão mais autonômica ou evoluída. Quem introduziu o indígena na poética foi ainda Basílio da Gama, conferindo-lhe função de força dramática e autóctone. Se o romantismo, como se disse, coincidiu com os pruridos, com os assomos da independência política e foi mesmo o sinal forte de tal aspiração na atividade literária, não há dúvida, também, de que, dentro dele, o indianismo foi a espécie mais vibrante do gênero romântico. Houve exageros na atitude. Houve. Mas os que, como Gonçalves Dias, que foi chefe da escola, ou como Machado, souberam encontrar e vitalizar os aspectos humanos ou emocionantes da vida, dos costumes, das lendas do aborígine, esses foram os verdadeiros cantores da epopéia indígena, deflagrada na luta do branco contra os filhos primitivos da terra. O indianismo constitui, de tal ponto de vista, sintoma de afeição à terra e aspiração emancipacionista. Mas, ainda assim, é despicienda e somemos a parte indianista da poesia de Machado de Assis”.

Assim, com Basílio da Gama o indianismo literário é fundado no Brasil e Machado de Assis faria parte, no século XIX, dessa corrente literária.

## O POEMA “POTIRA”

Analisaremos, aqui, o poema “Potira”, inserto em *Americanas* em seu intróito. Inspirado em texto do século XVII, de padre Simão de Vasconcelos, em “Potira”, Machado de Assis tematiza, como já o fizera Basílio da Gama, o amor frustrado que encontra na morte a única saída possível para um impasse insuperável.

Bem ao sabor romântico, Machado de Assis imerge no passado histórico. Com efeito, tal fascínio pelo passado constitui

“o segundo grande símbolo romântico em nossa terra” (Ramos, 1964, p. 12), depois, evidentemente, daquele representado pelo indígena.

Potira era uma índia cristã que fora feita prisioneira pelos tamoios. O chefe deles, Anajê, amava-a havia muito tempo. Contudo, sua conversão ao cristianismo interpunha-se como um óbice para a união de Potira com Anajê segundo a tradição indígena. Raptada por Anajê e seus companheiros tamoios, Potira devia escolher entre ser esposa de Anajê ou a morte. Ela opta por morrer.

O aproveitamento de um fato histórico na constituição da temática do poema é explicitado logo em seu intróito, onde Machado de Assis menciona acontecimento ocorrido no século XVII e citado pelo padre Simão de Vasconcelos em sua *Crônica da Companhia de Jesus*, livro 3<sup>o</sup>:

“Os Tamoios, entre outras presas que fizeram, levaram esta índia, a qual pretendem o capitão da empresa violar: resistiu valerosamente, dizendo em língua brasílica: ‘*Eu sou cristã e casada; não hei de fazer traição a Deus e a meu marido; bem podes matar-me e fazer de mim o que quiseres*’. Deu-se por afrontado o bárbaro e, em vingança, lhe acabou a vida com grande crueldade”.

As ressonâncias basilianas na temática são, aí, inegáveis, principalmente a influência do episódio da morte de Lindoya, de *O Uruguaçu*. Esta era a esposa de Cacambo, um cacique guarani que lutava ao lado dos jesuítas espanhóis contra a saída dos índios da região dos Sete Povos das Missões, conforme determinava o Tratado de Madri, assinado pela Espanha e por Portugal em 1750. Lindoya, assim como Cacambo, era de nobre estirpe indígena. Porém, um padre jesuíta, o padre Balda, em quem Basílio da Gama lançou a pecha de ser fornicador e infiel ao seu voto de castidade, desejava que Lindoya se casasse com seu filho Baldetta, que nascera de uma união espúria dele com uma índia. Com isso, Baldetta obteria o posto de mando de Cacambo. Retornando este inesperadamente da guerra que então

se travava, ele foi envenenado a mando de padre Balda, antes mesmo que pudesse falar com Lindoya. Esta, desesperada, procura a morte, preferindo o suicídio a ter de desposar o filho do padre Balda. Com tal desiderato, ela penetra uma mata habitada por serpentes. Ali, deitou-se sob um cipreste e adormeceu. Uma serpente roçava seu corpo e lhe lambia o seio quando seu irmão Caitutu encontrou-a ali deitada. Disparando uma flecha contra a serpente, arrancou-a do corpo de Lindoya. Mas ele chegara tarde, pois a jovem já estava morta e a morte era bela no seu rosto.

Nos versos brancos de “Potira”, influência inegável de Basílio da Gama, Machado de Assis revela gosto apurado, a mesma felicidade de expressão e descrição graciosa e suave que vemos em *O Uruguaçu*. O termo *potira* significa *flor* em tupi antigo, de cujo sentido os versos iniciais pressupõem o conhecimento:

“Moça cristã das solidões antigas,  
Em que áurea folha reviveu teu nome?  
Nem o eco das matas seculares,  
Nem a voz das sonoras cachoeiras  
O transmitiu aos séculos futuros”  
(Assis, 1977, p. 351).

Despeado do metro acadêmico que restringe a leveza do sentimento e o submete a fórmulas já consagradas, Machado de Assis, revela em “Potira” toda a graça e harmonia de expressão que fazem a grandeza de Basílio da Gama. Tanto naquele quanto neste uma natureza mágica e portentosa serve de moldura e pano de fundo a uma tragédia humana. Em ambos está ausente o amor, que é, antes, fator de sofrimento e dor. Em ambos a natureza é esse regaço e mortalha de mulheres. Em ambos a tópica do sangue está presente:

“... O horror e o sangue  
Da miseranda cena em que, de envolta  
Co’os longos, magoadíssimos suspiros,  
Cristã Lucrécia, abriu tua alma o vôo  
Para subir às regiões celestes,  
Mal deixada memória aos homens lembra.  
Isso apenas; não mais; teu nome obscuro,

Nem tua campa o brasileiro os sabe”  
(Assis, 1977, pp. 351-2).

Não há como não entrever nesses versos  
a cena de abertura de *O Urugay*:

“Fumam ainda nas desertas praias  
Lagos de sangue tépidos e impuros,  
Em que ondeiam cadáveres despídos,  
Pasto de corvos...”  
(apud Teixeira, 1996, p. 197).

Em ambos os poemas uma cena de morte ainda perdura, resultante de tragédias humanas. Em ambos, os mesmos ressaibos de um sofrimento findo mas não ainda sepultado.

Para Teixeira (1996), Basílio da Gama é que instaurou uma tópica do sangue na literatura colonial brasileira. Em Machado de Assis, cem anos mais tarde, ela ainda é observada. Mas, certamente, como já dissemos, a mais importante sugestão tópica de tema em “Potira” advém do episódio da morte de Lindoya, em que a intertextualidade é patente. Tanto Potira quanto Lindoya, personagem de *O Urugay*, recusam-se a contrair núpcias com homens que não amam. Ambas se recolhem ao recesso das matas, que as acolhem em seu regaço, para um ato extremo e heróico, a saber, o de encontrar a morte. No caso de Lindoya, ela vem com o veneno de uma serpente e, no caso de Potira, com o estrangulamento por aquele que a raptara. Em ambas as personagens estampava-se no rosto a morte que expressa a serenidade e a impassibilidade das musas antigas. Ainda não morta, mas desfalecida, Potira repete em sua face o que Basílio da Gama dissera de Lindoya:

“Inda conserva o pálido semblante  
Um não sei quê de magoado e triste  
Que os corações mais duros entenece.  
Tanto era bela no seu rosto a morte”  
(apud Teixeira, 1996, pp. 232-3).

Esse consagrado verso 197 do canto IV de *O Urugay*, “tanto era bela no seu rosto a morte”, é uma reelaboração do verso 172 da parte I do *Trionfo della Morte*, de

Francesco Petrarca: “*Morte bella pareo nel suo bel viso*” (“Morte bela aparecia no seu belo rosto”). É essa morte bela que transparece no rosto de Potira, personagem de Machado de Assis:

“Da cativa gentil cerrados olhos  
Não se entreabrem à luz. Morta parece.  
Uma só contração lhe não perturba  
A paz serena do mimoso rosto”  
(Assis, 1977, p. 353).

Tal imperturbabilidade e serenidade da morte em nada lembram a face sofredora do Cristo crucificado, mas é temática que perpassa a literatura greco-latina e que o neoclassicismo árcade retoma. Dá-se aqui uma perfeita síntese entre temas clássicos e temas cristãos, entre a *pietas* e a *humanitas*, entre a altaneria do herói antigo e a humildade do convertido ao Filho de Deus.

Mas o século de Basílio da Gama assiste à grande ruptura ideológica e epistemológica que daria aos tempos modernos seus traços definidores. O mistério passa a submeter-se à análise racional, um teísmo sutil passa a dominar as inteligências mais agudas, quando não um declarado ateísmo. Instaure-se uma negação pura e cabal da necessidade da intermediação da estrutura eclesial entre o cristão e a doutrina de Jesus. Tudo isso se reflete em *O Urugay*, onde tais premissas são postas pela primeira vez numa grande obra literária. A maior ordem religiosa da Igreja Católica, a Companhia de Jesus, constrói uma república perjura, inimiga da coroa. Os índios são almas rudes, embaídas pela perversidade dos padres. Os índios deveriam ser subtraídos de seu poder e submeter-se ao rei de Portugal. Tais idéias vêm pela boca do general Gomes Freire:

“Mas nem a escravidão nem a miséria  
Quer o benigno rei que o fruto seja  
Da sua proteção. Esse absoluto  
Império ilimitado, que exercitam  
Em vós os Padres, como vós, vassallos,  
É império tirânico, que usurpam.  
Nem são Senhores, nem vós sois Escravos.  
O Rei é vosso Pai: quer-vos felices.  
Sois livres, como eu sei; e sereis livres,

Não sendo aqui, em outra qualquer parte” (apud Teixeira, 1996, p. 209).

Tal crítica ao poder institucionalizado dos padres que escravizam os índios a seu poder tirânico é também encontrada no poema “Potira” e que nos chega pela boca de Anajê, o terrível tamoio:

“... Outra força,  
Outra e maior nos move a guerra crua;  
São eles, são os padres. Esses mostram  
Cheio de riso a boca e o mel nas vozes,  
Serenos o rosto e as brancas mãos inermes;  
Ordens não trazem de cacique alheio,  
Tudo nos levam, tudo. Uma por uma  
As filhas de Tupã correm atrás deles,  
Com elas os guerreiros, e com todos  
A nossa antiga fé”  
(Assis, 1977, p. 356).

Parece-nos que a crítica à Companhia de Jesus em Machado de Assis, como em Basílio da Gama, não atingia, ainda, toda a Igreja. É o que se vislumbra em palavras sugestivas de Anajê: “Ordens não trazem de cacique alheio” (Assis, 1977, p. 356). Ou seja, a Companhia de Jesus instaura-se como um poder autônomo e paralelo. É exatamente isso que se evidencia das palavras de Basílio da Gama em *O Uruguaçu*, a propósito das pinturas encontradas pelas tropas de Gomes Freire na abóbada do grande Templo dos Sete Povos das Missões, que ilustravam quão longe se estendera o império jesuítico, avançando até a remota China:

“... Respira no ar Chinês o mole fasto  
De asiática pompa; e grave e lenta  
Permite aos Bonzos, apesar de Roma,  
Do seu legislador o indigno culto”  
(apud Teixeira, 1996, pp. 238-9).

O próprio Basílio da Gama explica essas suas palavras em nota ao verso 52 do canto quinto de *O Uruguaçu*, em que alude à ação jesuítica que se exerce “apesar de Roma”: “... E bem apesar dela, que enfim cansou de lutar por mais de um século com a animosidade dos jesuítas” (apud Teixeira, 1996, p. 239).

O grande processo de secularização do mundo ocidental instaurado com o Iluminismo inicia-se, assim, com o combate, em muitas partes, ao poder da Companhia de Jesus. Em “Potira”, de Machado de Assis, há ecos dessa questão que tão importante fora no século anterior.

Por outro lado, a virtude cristã de Potira transparece em muitos passos do poema machadiano:

“... Sou esposa e cristã. Ímpio, respeita  
O amor que Deus protege e santifica...”  
(Assis, 1977, p. 357).

Nos versos 245-9 salva-se esse conteúdo de fé que, depurado das misérias dos poderes humanos e das injunções políticas, move verdadeiramente o coração humano:

“... Cativa ou morta,  
Antevia a celeste recompensa  
Que aos humildes reserva a mão do Eterno.  
Naquele rude coração das brenhas  
A semente evangélica brotara”  
(Assis, 1977, p. 358).

Nesse aspecto a perspectiva machadiana é mais refinada e sutil que a de Basílio da Gama, sendo seu olhar mais introspectivo e mais cômico das misérias humanas, que atingem a todos, civilizados ou índios:

“... Rudes eram  
Aqueles homens de ásperos costumes,  
Que ante o sangue de irmãos folgavam  
[livres.  
E nós soberbos filhos de outra idade,  
Que a voz falamos da razão severa  
E na luz nos banhamos do Calvário,  
Que somos nós mais que eles? Raça triste  
De Cains, raça eterna...”  
(Assis, 1977, p. 363).

Mesmo a virtuosa Potira, em cujo coração a semente evangélica brotara, não se despeara totalmente de suas antigas crenças tribais:

“... No ânimo da escrava  
Restos havia dessa crença antiga,

Antiga e sempre nova: o peito humano  
Raro de obscuros elos se liberta”  
(Assis, 1977, p. 367).

## CONCLUSÕES

Pudemos observar das análises anteriores quão forte foi o influxo de *O Uruguaçu* sobre a obra machadiana em seu momento romântico. Com efeito, são patentes em Machado de Assis a mesma brevidade, sonoridade e cromatismo que Teixeira (1996) vislumbrou na arte de Basílio da Gama. Mas não só no plano formal há ressonâncias de *O Uruguaçu* em *Americanas* de Machado de Assis, mas também nos planos imagético, ideológico e temático, como pudemos perceber da análise comparativa de passos dos dois poemas.

Mas o olhar de Machado de Assis é mais profundo, desbordando de pressupostos fundamentais de Basílio da Gama, enquanto um poeta iluminista, imbuído da grande ideologia que empolgou o século XVIII, a saber, a do progresso e a do Estado forte, impregnada da crença na energia civilizado-

ra. Machado de Assis revela em *Americanas* sua profunda intuição e sua familiaridade com os escaninhos mais recônditos da alma humana, o que já apontava para suas grandes obras de maturidade. Assim, ele

“[...] considerava o indianismo – não só pelo tema, mas também pelas imagens e ritmos que implicava – uma descoberta muito importante para a emancipação da literatura brasileira, para o americanismo de nossa expressão, sem, contudo, considerá-lo suficiente por si só como índice de maturidade artística no Brasil” (Teixeira, 1996, p. 30).

Machado de Assis conjugou, em sua obra indianista, sua índole melancólica e cética e seu fino temperamento artístico com a leveza, a suavidade de expressão e a graça descritiva de Basílio da Gama, com resultados estéticos muito felizes. Não engrandeceu o índio brasileiro, mantendo-o nos limites de sua humanidade por penetrar sua alma e ali vislumbrar as mesmas misé-rias de qualquer ser humano. Nisso residem a grandeza e a originalidade de sua poesia indianista.

---

## BIBLIOGRAFIA

- ASSIS, Machado de. *Poesias Completas*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977.
- BANDEIRA, Manuel. “O Poeta”, in *Revista do Brasil*. Ano II, n. 12. Rio de Janeiro, junho de 1939.
- MATOS, Márcio. *Machado de Assis, o Homem e a Obra*. São Paulo, Nacional, 1939.
- RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. *Machado de Assis – Poesia*. Rio de Janeiro, Agir, 1964.
- TEIXEIRA, Ivan. *Obras Poéticas de Basílio da Gama*. São Paulo, Edusp, 1996.
- VASCONCELOS, Simão de. *Crônica da Companhia de Jesus*. Petrópolis, Vozes, 1977.
- VERÍSSIMO, José. *História da Literatura Brasileira*. 3ª série. Rio de Janeiro, Garnier, 1903.
-